

FELIPE BARENCO

Fake

1ª edição

PETRÓPOLIS
UMÔ – USINA DE CRIAÇÃO
2014

REVISÃO E COPIDESQUE

Andrea Carvalho Stark

DESIGN E ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Clara Gomes

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

André Guimarães de Souza

para Yellow Carbo Agência de Ideias

FOTO DO AUTOR

Fatima Barenco

SITE

Erika Sarti

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Sermograf Artes Gráficas LTDA.

CIP-BRASIL. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B248f Barenco, Felipe, 1983

Fake / Felipe Barenco. – 1. ed. – Petrópolis: Umô – Usina
de Criação, 2014.

ISBN 978-85-68148-00-6

1. Romance brasileiro. I. Barenco, Felipe. II. Título.

CDD: 869.3

Todos os direitos desta edição reservados à

UMÔ – USINA DE CRIAÇÃO

Caixa postal 90960

Petrópolis/RJ

25620-971

www.livrofake.com.br

*Às desilusões amorosas.
Sem elas, a gente não é ninguém.*

“Já não era mais singular, ele se reconhecia nos outros como em espelhos vivos; o que lhe poupava muitos esforços”.

Martin Page, *Como me tornei estúpido*

“Os gays só não superam as mulheres porque (ainda) não podem ser mães. Caso contrário, seriam imbatíveis”.

Mulher-Maravilha

SELFIE

Quando eu tinha dezenove anos, o máximo de distância que conseguia imaginar era o final de semana seguinte. De repente, fui jogado de surpresa do alto do ninho, sem bússola, sem mapa, sem GPS. O que você vai fazer agora que terminou o colégio? Como vai ganhar seu próprio dinheiro? Já sabe qual curso vai prestar pro ENEM? Por que ainda não transou? Não ter essas respostas prontas me deu a sensação de que eu não sobreviveria à queda. Agora, dez primaveras depois, sou um rapaz que tem passado. Tenho que fazer escolhas de adulto, embora me olhe no espelho e continue me enxergando como adolescente.

Sou o herói moderninho da tragédia, mas não mamei no teatro. Quem me criou foi outra mãe; vivi nas barras da saia da televisão. Melodramática incorrigível, ela me fez acreditar que no último capítulo prevalece o final feliz. E que finais felizes, por regra, terminam em casamento. Também tenho um tio fumante meio esquisitão, sabe? É um tal de cinema. Por influência dele fantasio encontros amorosos com trilhas sonoras lindas tocando ao fundo da cena. Morro de medo do meu avô literário e não conheci a vovó, que faleceu na era do rádio. Ando meio antissocial e passo tardes na casa da nova vizinha gostosona. Minha família diz que aprova esse relacionamento, mas são todos uns falsos e eu sei que nenhum deles vai com a cara da vagabunda da internet. Ser criado por essa família de malucos não podia me fazer bem. A culpa é toda deles.

Por favor, não repita meus erros em casa. Todos eles foram cometidos por um profissional.



PARTE I

Elefante Branco

O REI DA RUA

Meu coração bate em média setenta vezes por minuto em condições normais. Nas condições anormais, OU porque estou na academia OU porque estou transando, ele bate mais rápido. Assim que encontrei TEODORO FREITAS como *aprovado* na lista enorme pregada no mural da UERJ, a primeira sensação foi uma mistura esquisita de alívio com taquicardia. Tá certo que dezenove anos não é uma vida longa, mas até aquele dia ainda não tinha experimentado alegria tão completa, dessas que nos incitam a correr pelado no meio da rua para comemorar. Boas notícias também aceleram os batimentos cardíacos. O impulso foi ligar para a minha mãe. Digitei o número, desisti. Era notícia para dona Clarice receber olhando fundo nos meus óculos.

Duas chamadas perdidas. O celular vibrou no bolso pela terceira vez e atendi a ligação da Fernanda com um gritinho gay “Passeiiiiiii”, que foi recebido do outro lado da linha aos berros. Uma semana antes foi ela quem me ligou, descontrolada, contando que havia passado na entrevista de emprego. Nós somos amigos desde os tempos da

internet discada, em que os homens das cavernas rabiscavam *scraps* nas paredes do *Orkut* e nos conhecemos na comunidade “Eu odeio Legião Urbana”. Na época ela fazia Medicina e falava alemão, e eu ainda nas aulinhas de inglês.

Caminhei pelos corredores da minha futura universidade \o/ e vi cenas variadas: um grupo de amigos se abraçando, a menina que afundou no colo do pai e começou a chorar, o rapaz solitário procurando seu nome na lista interminável que parecia um formigueiro. Uns desolados, outros em estado de graça. Percebi que para cada evento ruim na vida de uma pessoa, há um correspondente maravilhoso acontecendo na vida de outra. Uma espécie de *lei de equilíbrio do universo*. Ao mesmo tempo em que um velhinho dá seu último suspiro no leito de morte, um bebê sente o nosso ar contaminado entrando pela primeira vez em seus pulmões. Enquanto um funcionário é demitido, outro finalmente passa na entrevista de emprego depois de várias tentativas frustradas. Para cada sim, um não. Para cada punhado de choro, uma gargalhada. *Beckett* dizia que as lágrimas do mundo são em quantidade constante. Se um irrompe em choro num canto, outro para. E segundo ele, o mesmo acontece com o riso. O que é, imagino eu, apenas uma forma do universo não ser totalmente feliz nem triste, apenas inconstante como qualquer pessoa.

Voltei para casa seis horas da tarde e não havia quase ninguém dentro do ônibus. Que esquisito. Onde estariam todos? Mais um toque de recolher imposto pelos traficantes e só eu não fui avisado? No Rio de Janeiro é assim, ônibus vazios são muito mais assustadores que ônibus lotados. A violência na cidade anda tão pesada que a paz se transformou num estado de alerta.

“Tô tão desacostumada com gentileza!”, disse uma vez tia Eleonora, se recuperando de uma crise de pânico. Ela ia para o trabalho de ônibus, espremida em pé, se equilibrando com uma bolsa e a pasta.

Até que um rapaz negro sentado ao seu lado, apenas com o gesto das mãos, ofereceu para carregar a bolsa dela. Minha tia, também sem dizer nada, suando frio, colocou a bolsa no colo do homem. Logo em seguida, novamente com um sinal, ele esticou um pouco mais os braços e Eleonora entregou a pasta. Por fim, o homem apontou para o relógio e ela não aguentou:

– Ah, não, moço! O relógio, não! Acabei de comprar e nem é de marca. É do camelô! – convicta de que era um assalto – Socorro!

– O rapaz, que só queria saber as horas, levantou indignado. Alguns passageiros reclamaram, outros cochicharam fazendo cara feia. E tia Eleonora fez o restante da viagem pedindo desculpas com medo de **apanhar** ser processada.

Sorri distraído, com o rosto encostado na janela, me lembrando do jeito que ela contava essa história. Então ouvi um bate-boca entre o motorista e uma mulher, e quando ela disse “por favor, moço, só até a Barão”, achei a voz estranhamente familiar. E levei um susto quando ela gritou “Téo!”, atravessando a roleta como se fosse a dama da lotação, a dona da condução:

– Meu sobrinho completa a minha passagem! – ela disse ao motorista cheia de si, meio cambaleante.

– Tia, eu tava pensando em você! – e entreguei o dinheiro ao trocador.

– Mudei o visual, reparou? – com o cabelo curtinho recém-pintado de ruivo.

Vestia-se como uma hippie dos anos oitenta. Contou que esqueceu a carteira no trabalho e estava acostumada a pegar carona para não ter que andar só cinco quarteirões. “É que esse motorista é novo, não me conhece”, ela se defendeu. Pelo bafo, foram as rodadas de cerveja que levaram os últimos centavos da carteira dela. Costumo brincar que tia Eleonora também tem os *olhos de ressaca*, mas não por ser como Capitu; no caso, é por estar sempre bêbada mesmo.

– Fui traída de novo, você acredita? Mas eu já tô ótima!

Tia Eleonora, que também é minha madrinha, é uma dessas pessoas que trapaceiam a tal lei de equilíbrio do universo e mesmo nos momentos profundamente tristes, sorri. Não que ela seja a Poliana chata que ama a natureza e só enxerga o lado bom da vida. Ela não alimenta a dor. Quando algo está ruim, chora, faz escândalo, arremessa um copo na parede e escorrega na porta aos prantos. Então se dá conta de como está sendo ridícula, solta uma gargalhada de si mesma e segue em frente.

– Adivinha? Passei!

– Aaaaaaaaah!!! Não falei?! – ela me abraçou, cheia de exclamações, os olhos marejados – Meu sonho era ter feito faculdade e agora você vai realizar seu sonho por nós dois!

Meus olhos marejaram também. E assim como o marinheiro que vai assumir o navio sozinho pela primeira vez, tamanha responsabilidade me causava alegria e náusea.

NO FUNDO A GENTE SABE

Minha casa ficava numa simpática rua que lembrava o Rio antigo. Ao entrar na vila, eufórico para derramar a boa notícia – *O filho de vocês agora é aluno do melhor curso de Direito do Rio!* – fui recebido, porém, por um silêncio perturbador, quase fúnebre. Abri o portão e estranhei as janelas fechadas. “Aonde seus pais foram?”, despistou tia Eleonora, e bastou entrarmos para me deparar com a vizinhança inteira dentro da sala. Gritinhos de uhú, aplausos, confete. Todos os cúmplices da minha vitória comemorando.

– Parabéns, filhote! – a mãe se aproximou com o rosto inchado de tanto chorar e me deu um abraço demorado.

– São loucos? Como organizam uma festa surpresa? E se eu não passasse?

– Claro que você ia passar. *Sabe quando a gente sabe?* – ela completou.

– Olhai o culpado. – disse Eleonora apontando para o Tiago.

Tiago saiu do banheiro carregando uma faixa de papel higiênico escrita com batom: “Eu já sabia! Miss Engenhão 2010”. Eis o tipo de melhor amigo que eu tenho.

Depois constatei o óbvio: ele pegou o resultado na internet antes de mim e espalhou a novidade para a família inteira.

– Vai entender, tia Clarice. – disse Tiago – Ele prefere ir à UERJ pessoalmente a pegar o resultado no site!

– Mas o Téo é assim desde pequeno. Ele tem uma calma que me assusta. No Natal, era o único da casa que aguentava esperar até meia-noite para abrir o presente.

– É que o resultado no computador não tem graça. – me defendi.

O som da rolha atravessou a sala coroando a noite. “Um advogado que veio de baixo!”, surgiu o pai com a garrafa de espumante, repetindo o grito de guerra no meio dos vizinhos. “O primeiro advogado da família, talvez de todo Engenho Novo”, com o exagero típico de quem detestava o lugar em que vivia. “Não tem ninguém importante nessa merda de bairro”.

– O *Dom Casmurro* morou no Engenho Novo, pai.

– Quem?! – ele revidou com desprezo.

– O Bentinho. O personagem do Machado de Assis. O homem mais famoso da nossa literatura é daqui e fez Direito.

– Ah, eu tô falando de gente de carne e osso, Téo. – e disse que em breve eu não seria mais o “filho do Mauro”. Ele é quem ia ser “o pai do juiz Téo Freitas”.

Juiz? Ainda nem era universitário!

– Agora é esperar o resultado em Letras. – eu disse no meio da confusão.

Eu também tentei Letras na UFRJ como plano B.

O pai segurou meu rosto e, em nome do progresso da família, ordenou “Vai cursar Direito!”, deixando as marcas vermelhas de seus dedos na minha bochecha. Para completar, minha mãe fez o discurso do pobre professor da rede pública que não é valorizado no Brasil.

Já a vovó, que fingia ignorar a festa coando café e alimentando Psyduck, a calopsita, tirou o bolo de cenoura quentinho do forno.

– Não vai dar um abraço no seu neto, dona Maria Helena? – eu falei.

Ela me puxou num canto e disparou: “Advogado é tudo 1-7-1”. E fez o de costume: pegou a minha mão e colocou dentro uma nota amassada de cinquenta reais “para você comprar um doce”. A vó fazia isso desde que eu era pequeno, escondida do meu irmão. Ao invés de dar vinte e cinco para cada um, ela dava tudo pra mim. Era o nosso segredo.

– Tenho outra coisa para você. – ela disse tirando do bolso uma medalhinha bem antiga de São Judas Tadeu – Ganhei da minha mãe, agora é sua. Só tem que arrumar um cordão de prata bem bonito. Vê se não vai perder.

– Poxa, vó, obrigado! E cadê o Lucas?

– Não dorme em casa há dois dias, minha Nossa Senhora! (Clarice)

– Deixa ele, o menino é novo! Tem que aproveitar! (Eleonora)

– Como pode? – completou minha mãe – O Téo é tão responsável e o Lucas assim. Não sei quem ele puxou.

– Claro que puxou a mim. – a tia concluiu rindo.

Horas depois, Lucas finalmente apareceu. Também com uma conquista: sua nova namorada de Recife. Ele já ficou com praticamente uma garota de cada Estado e podia ter um mapa do Brasil colado na porta do armário para riscar o território conquistado cada vez que ficava com uma menina diferente. Como se fosse um tabuleiro de *War: seu objetivo*

é pegar uma paulista, uma mineira e uma terceira a sua escolha. Enquanto a mãe se escandaliza com o rodízio, percebo na expressão do meu pai o meio sorriso querendo dizer “Meu filho é um garanhão!”. Humpf.

O garanhão que nunca gostou de estudar escreve *concerteza* nos torpedos e passa horas na academia tirando fotos e se exibindo para o espelho. Mas como só eu fui premiado com os olhos verdes da família materna, passei toda a infância fazendo ele chorar, dizendo que era mais um sinal de que foi adotado. É uma das regras básicas da sobrevivência: se você não pode vencer seu inimigo no braço, ataque no psicológico.

Lucas não é de falar muito. Por isso, me deu parabéns e se limitou a dizer: “Você é foda”. Sem falsa modéstia, me sentia assim mesmo. Não haveria palavra pomposa no dicionário que fosse melhor do que “fo-da”. Eu era o orgulho dos meus pais, o futuro advogado que veio lá de lugar nenhum. Nessa noite a adrenalina roubou meu sono. Fiquei um tempão enrolando na cama até apagar com uma centena de ovelhas cantarolando baixinho no meu ouvido... 🎵 *Todo menino é um rei, eu também já fui rei...* 🎵

SÁBADO É MASSA, DOMINGO É MISSA

Clarice marcou para o dia seguinte o jantar comemorativo com direito ao cardápio que o homenageado da noite escolhesse. Homenageado, no caso, eu. Geralmente eu escolhia nhoque com...

- Bife de carne moída.
- “Polpetone”, vó. É mais chique.
- Chique é comer fruta no pé.

Sábado é o único dia da semana em que as mulheres são proibidas de se encostar nas panelas. O ritual começa por volta das 19h30. Mauro liga o som, abre uma cerveja e faz a massa sambar em suas mãos.

Pena é que não puxei esse talento dele para cozinhar. Os assuntos em torno da mesa são sempre os mesmos. No entanto, o prazer de estarmos juntos colore a rotina: enquanto o pai prepara a carne, Clarice ajuda descascando batatas e conta histórias do colégio, aproveitando para descascar seus alunos também, que apelidou carinhosamente de *Osaminhas*, numa referência ao terrorista da *Al-Qaeda*. Lucas rouba as minhas camisas, fica reclamando da vida porque não tem nenhum perfume e passa o jantar inteiro na frente do computador cutucando as meninas e ouvindo música. Ele e minha vó competem para ver quem deixa o volume mais alto, o que às vezes gera combinações de áudio engraçadas, uma espécie de *mashup*, como o William Bonner dando notícias sobre a CPI em Brasília com uma batida funk de fundo.

– Eu adoro cozinhar.

– Adora porque não é obrigação, né, Mauro? – replicou minha mãe.

– Mas amar eu só amo você.

– (todos) Hummm... – e a mãe se derreteu.

– Sabem como eu conheci a mãe de vocês?

– Ah, não, pai. Você já contou essa história mil vezes. – disse

Lucas – De novo, não!

– Eu trabalhava na loja de ferragens.../

E contou pela milésima vez que quando ele era novo, ainda trabalhando no tédio da loja de ferragens do meu avô, uma jovem muito linda entrou para comprar prateleiras para a cozinha. Só que ela não sabia a diferença entre broca e bucha, prego e parafuso. Mauro ficou encantado com a garota chamada Clarice e se derreteu no balcão de atendimento. Ela fingiu não dar bola ao funcionário simpático e exageradamente atencioso. Comprou o que tinha que comprar e foi embora. Mas, no dia seguinte, estava na loja de novo, agora sob o pretexto para levar ganchos para a rede quando nem quintal nem varanda e muito menos a rede ela tinha para pendurar.

Mauro: Seis meses depois nós casamos.

Clarice: Foi amor à primeira vista.

Eu: Amor à primeira compra. (rindo) E o que aconteceu com a loja?

Mauro: Seu avô bebeu tudo no bar.

Clarice: Vinte anos de casados! (toda orgulhosa)

Lucas: Eu que não quero casar, Deus me livre.

Buzina.

Vó: Eleonora chegou.

Tia Eleonora não mora com a gente e vive sozinha numa quitinete apertada na Tijuca. Para ela, nosso ritual sagrado é um *pacto de morte*, já que depois de comermos quilos de massa vamos dormir pesados esperando o reboque.

– A cozinha é o coração da casa. – disse o pai.

– E esse coração tá quase enfartando! – riu Eleonora, entrando pela porta dos fundos.

Foi uma tradição que surgiu ninguém lembra como e já dura trinta e oito sábados seguidos pelas contas da minha mãe.

– Trinta e oito sábados. – a mãe disse toda orgulhosa de novo.

– E isso é bom? – ironizou a tia.

– Reunir a família é sempre bom.

Às vezes, desconfio que a felicidade para a minha mãe é a estatística. Ela devia ser professora de matemática e não de português. Nossa família era como um time de futebol invicto há trinta e oito rodadas.

– Filho, vamos ao Maracanã amanhã?

– Toda vez ele diz que vai e fura. – disse Lucas saindo do quarto com o capacete da moto – Foi mal, não posso ficar.

Invencibilidade perdida na trigésima nona partida.

– Não vai jantar com a gente?!

– Tenho que encontrar a minha garota.

– Mas ela não vinha jantar aqui?

- Rolou um problema sério.
- “Problema sério”. Como se criança tivesse problema.
- Pelo menos podemos saber o nome da criatura?
- Acho que nem o Lucas sabe!
- Ha ha ha!
- Poxa, Lucas, é o jantar do seu irmão.
- Depois eu pago uma cerveja pra ele.
- Mas eu nem bebo! – falei.

Lucas saiu batendo a porta. Tia Eleonora o defendeu:

– Sábado é péssimo para vocês estabelecerem que é o dia da família. Os meninos são jovens e querem sair. Que tal, como todo mundo, almoços de domingo? Além do mais eu li na Bíblia que domingo é o dia do descanso.

– Que Bíblia é essa que você leu? Porque na minha tá escrito que foi sábado. – mamãe também sabendo ser irônica – Deus descansou no sábado.

– Sábado, o dia da procriação. – falei.

Todos riram. E meu pai aproveitou o clima descontraído para estragar a noite com suas indiretas:

– E quando você vai sair com a sua namorada, Téo?

“E quando você vai sair com a sua namorada?” passou a me perseguir todo final de semana. Mauro não aceitava mais meus suspiros preguiçosos como resposta. E já que eu passei da idade dele me perguntar o que eu queria ser quando ficasse grande – e se eu pudesse voltar aos meus oito anos, adoraria responder “Um juiz gay!” só para ver sua expressão de horror – o assunto do momento era eu estar sempre solteiro.

- Ter uma namorada torna a sua vida melhor?
- Seu pai tá brincando, filho. – tentou apaziguar Clarice.
- Você fala tanto naquela Fernanda. – ele insistiu.

- Ela é só minha amiga, pai.
- Desde quando homem tem amiga?!
- Ah, é, Mauro? Bom saber. Você diz que a Yolanda é só uma amiga.
- Ela é minha chefe, é diferente.
- Até perdi a fome. - disse minha mãe.
- Eu também.
- Nossa, só estava brincando com vocês.

Mamãe amarrou a cara. Ela não podia nem ouvir o nome da Yolanda porque achava que ela foi, era ou seria amante do meu pai. YOLINDA, como ela costuma alfinetar, era uma perua que caiu de paraquedas *Louis Vuitton* no cargo de administradora da ONG em que ele trabalha.

Uma nuvem cinzenta estacionada bem em cima da nossa casa.

- Peraê, gente. Não vamos estragar a noite por causa de uma besteira.

Tia Eleonora se esforçou para quebrar o climão e apelou para o seu repertório de histórias mais engraçadas. Praticamente um show de stand-up na cozinha. E como para ela não existe plateia difícil, conseguiu quebrar o gelo e pouco depois já estávamos gargalhando de novo.

Jantamos por volta das onze horas e a paz foi restabelecida. Dona Maria Helena, espécie de Rita Lee da família, com o mau humor típico, deu uma garfada no nhoque, cuspiu no prato por causa do coentro e fechou a noite sem romantismo algum: “Há um ano é assim. Todo sábado é a mesmíssima merda”.

MAIS UM LUGAR NA MESA

Naquela mesma noite, enquanto a maioria dos garotos se divertiam nas baladas, eu fiquei na cama absolutamente sóbrio pensando na vida. Pouco antes, Tiago ligou e disse que tinha uma *festa incrível* na

Para continuar lendo "Fake",
adquira o seu exemplar em:

www.livrofake.com.br

